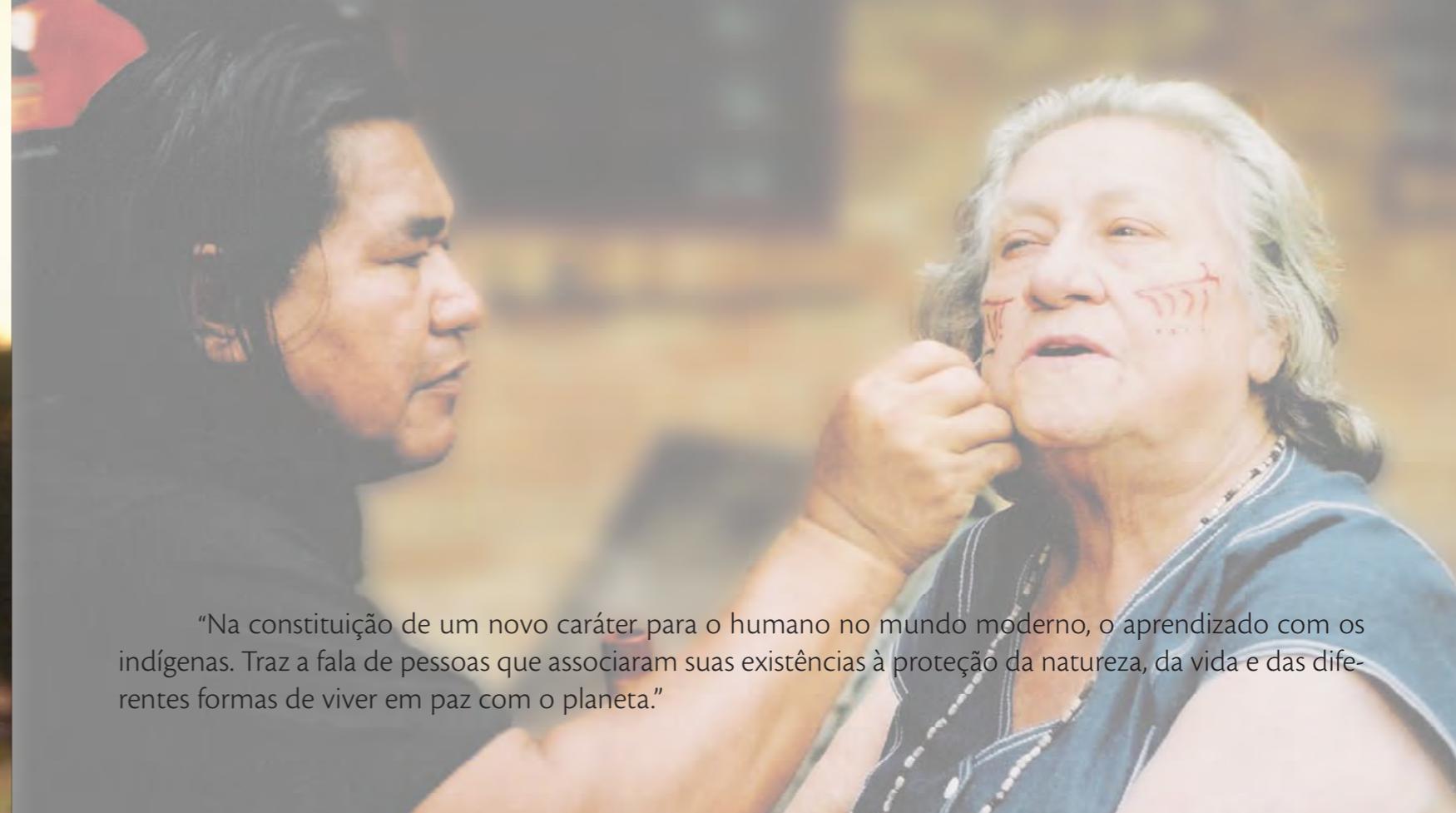
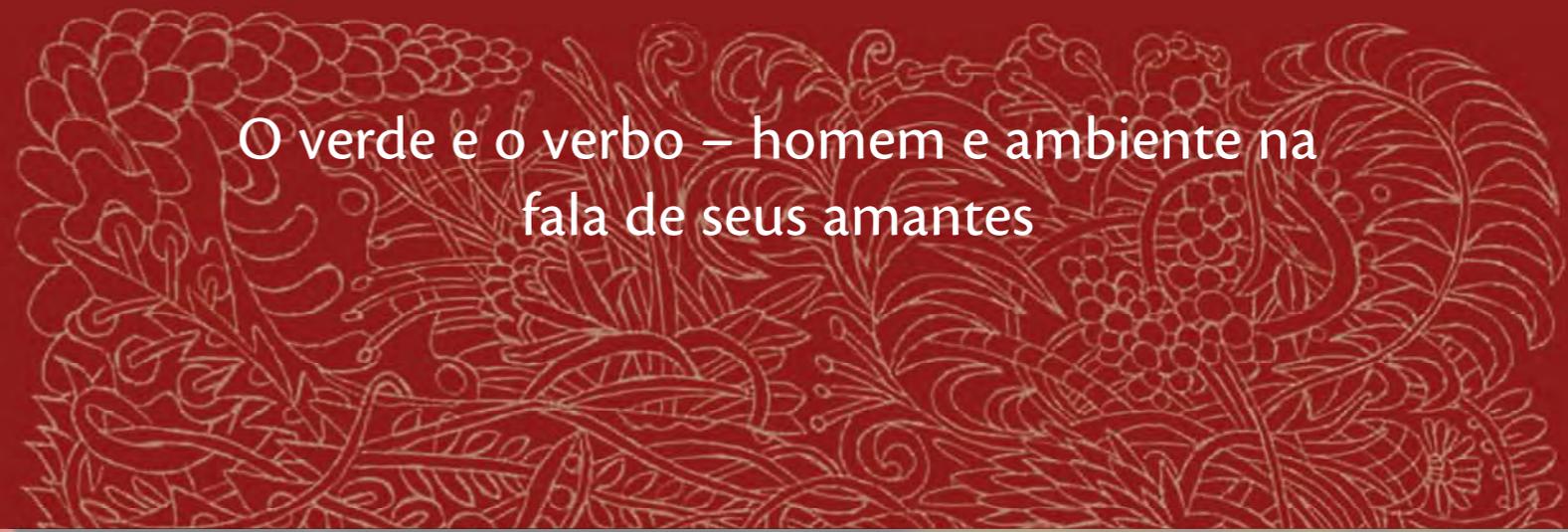




O verde e o verbo – homem e ambiente na
fala de seus amantes



“Na constituição de um novo caráter para o humano no mundo moderno, o aprendizado com os indígenas. Traz a fala de pessoas que associaram suas existências à proteção da natureza, da vida e das diferentes formas de viver em paz com o planeta.”

Barbarismo Consciente

Durante talvez dois milhões de anos, por mais de 99% de sua história, a espécie humana praticou um estilo de vida semelhante ao que podemos hoje observar no coração do continente sul-americano, entre os últimos remanescentes de culturas indígenas que ainda não sucumbiram às agressões do homem que se diz civilizado. Neste modo de vida, vivendo da caça e coleta, o homem se encontra perfeitamente integrado em seu ambiente natural, não tem os meios e, o que é mais importante, não tem a ambição de destruir o mundo natural do qual se considera apenas parte. Neste convívio, a natureza pouco ou nada sofre, uma vez que o tributo que o homem lhe extrai não ultrapassa sua capacidade de recuperação. Por isso mesmo, esse estilo de vida é permanentemente sustentável, o que comprova sua longevidade. Não há explosão demográfica e não há degradação ambiental. A visão do mundo, as convenções sociais e os tabus são tais que levam, automaticamente, à situação de equilíbrio estável.

Como sabe todo aquele que conhece de perto a vida indígena, o índio, além de não devastar e emporcalhar o mundo em que vive, vive uma vida profundamente humana, caracterizada por formas de harmonia, de integração social e felicidade individual, o que não têm paralelo nas sociedades modernas. Em sua cultura intacta, não contaminada pelo homem moderno, os indígenas não são anormais ou marginais. Quem assim pensa, demonstra que nada compreendeu, que não tem noção da realidade, que lhe falta toda perspectiva histórica. Como pode ser anormal quem apenas continua a mais antiga e venerável tradição da humanidade, quem continua vivendo como vivemos durante 99% de

nossa história, quem se recusa a participar de uma experiência cujo resultado é ainda duvidoso? Anormais somos nós, anormal é a sociedade de consumo, tanto pela posição que ocupa na grande perspectiva histórica como pela adoração da mudança pela mudança, quando já sabemos que o futuro não pode pertencer à mudança contínua, que somente a estabilidade tem futuro, que somente situações equilibradas podem garantir a sobrevivência e o verdadeiro progresso, o progresso espiritual e moral, o progresso da qualidade de vida, que nada tem a ver com a quantidade de materiais que movimentamos.

Não temos o direito de querer impor ao indígena nossa maneira de vida, de insistir em sua "integração". A única proteção que o índio necessita é o respeito a seus direitos como ser humano, como cultura autônoma, como nação. O que devemos proporcionar-lhe é abrigo das agressões e da cobiça do "homem civilizado", que quer despojá-lo de suas terras. O índio, nada, absolutamente nada, tem a ganhar com o nosso "progresso", a não ser o desastre. Impondo-lhe nossa "civilização", somente lhe trazemos o aniquilamento cultural e físico. Nossos desbravadores carecem do esquema conceitual que permitiria um contato mutuamente proveitoso. Enquanto não estivermos nós mesmos moralmente preparados para o contato com o índio, não temos o direito de invadir suas terras, seja qual for o pretexto.

Resolvamos os problemas que temos a resolver, freemos nossa cobiça, deixemos o índio viver! Dentro de algumas décadas, nossos filhos, que, por força das circunstâncias, terão, certamente, consciência ecológica ainda inimaginável para nós, saberão agradecer-nos por tal ato de sabedoria.

Muito em breve estaremos todos no mundo industrial, submetendo a profundo reexame nossos valores, nossas atitudes, nossas estruturas sociais, nossos tabus e nossas instituições. Estaremos à procura de modelos de sociedades

não-agressivas e não-competitivas. Muita coisa podemos e devemos apreender dos inúmeros modelos praticados pelas sociedades primitivas, e não somente aqui na América do Sul.

Estamos ainda em condições de conceder ao índio sua sobrevivência física e cultural. Se continuarem as tendências atuais, isso se tornará impossível dentro de poucos anos. Devemos agir. Se acabarmos com o índio, entraremos na História como bárbaros conscientes. Ao contrário do que aconteceu em séculos passados, temos hoje a obrigação de saber o que estamos fazendo. NÃO TEMOS O DIREITO DE ACABAR COM O ÍNDIO!

José Antônio Lutzenberger





Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1993

A quem interessar possa

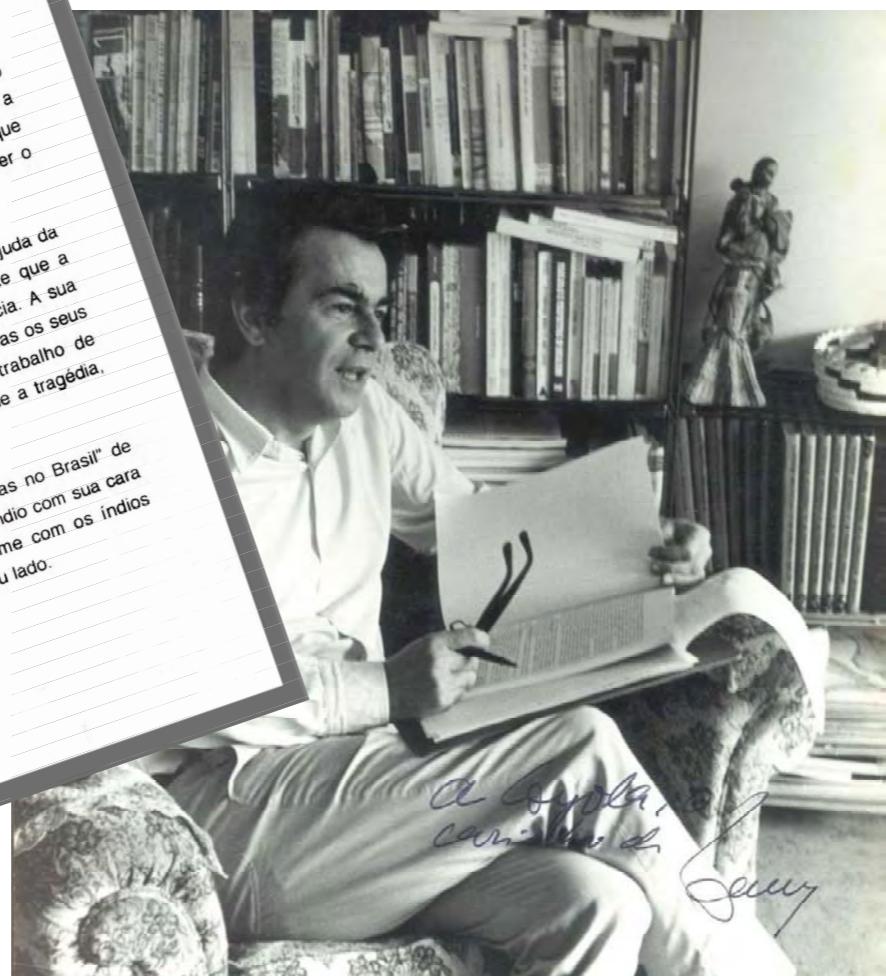
O Brasil e tantos outros países do mundo estão vivendo um acontecimento histórico que jamais se imaginou e que sempre se supunha o contrário: é que muitos dos povos indígenas que foram tragados pelo vórtice da expansão européia, que tiveram suas gentes mortas, suas terras roubadas, seus corpos moídos pela escravidão, suas religiões vilipendiadas e suas culturas desprezadas - sobreviveram. Isto é, uma minoria sobreviveu, apesar de tudo isto, e mostra sinais de quem vai continuar lutando por seus direitos e por suas vidas.

Os povos indígenas também nos dão hoje uma lição inesperada: é preciso ser fiel a si mesmo, manter sua cara, sua identidade própria. Não se sucumbir a toda a onda político-econômica do movimento civilizatório que os envolveu e que agora parece arrefecer o seu ímpeto original. Se isto é um milagre há de ser o milagre mais benévolo que a humanidade moderna recebeu.

Os índios sobreviveram por vontade própria, mas também com a ajuda da opinião pública brasileira e mundial. De alguma forma o mundo sente que a permanência para a questão pode até ser de natureza etnocêntrica, mas os seus resultados favorecem a luta dos povos indígenas. Assim, todo trabalho de divulgação, que mostre o drama que está sendo vivido, que recorde a tragédia, que aponte os caminhos do futuro, merece ter o nosso total apoio.

É com este espírito que vejo o projeto "Séculos Indígenas no Brasil" de autoria de Frank Coe e Álvaro Tukano. Eles querem mostrar o índio com sua cara atual e por sua própria voz. Eu espero, no final, ver um filme com os índios apontando um dedo para nós e nos conchamando a ficar ao seu lado.

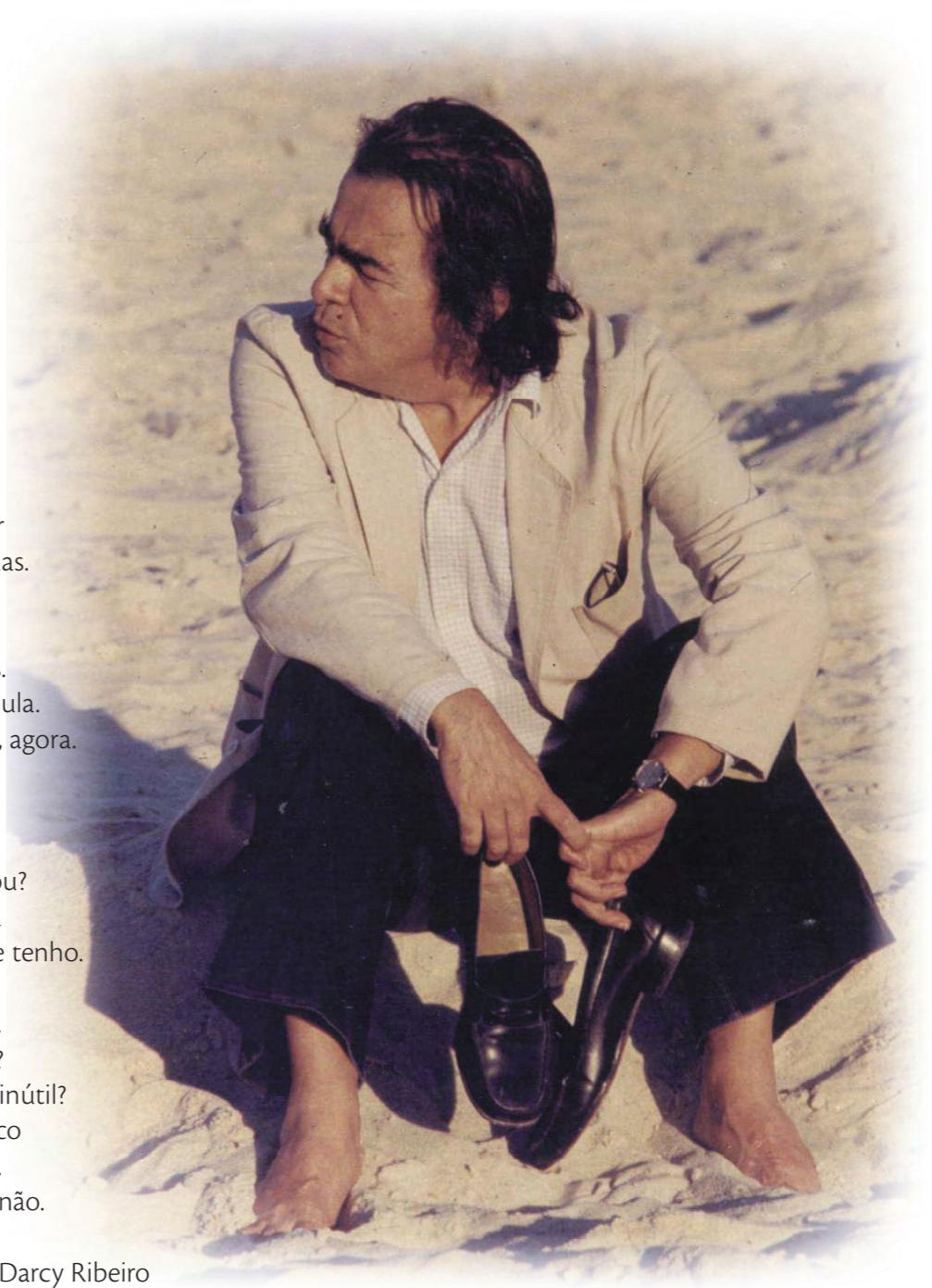
Darcy Ribeiro
Darcy Ribeiro



PRESSAGO

O presságio aí está, negro presságio.
A falar-me, silente, de dores por doer
Mais doídas que todas as dores já doídas.
A dor, talvez, de nunca mais doer.
Não são dores da carne. Não só.
Nem serão dores maiores, estertórias.
São dores da alma minha, balindo, trêmula.
Dores que, antes de doer, já me doem aqui, agora.
Que resta nesta vida por doer-me?
Já não doem minhas dores todas?
E a roda da dor, acaso, pára um dia?
Em um homem vivo, cansada, ela parou?
Esse tremor pressago que me assalta
É o de perder o último, derradeiro, bem que tenho.
A vida aninhada no meu corpo,
Com o prodígio de gozar e de sofrer.
Que é que temo, eu que nada temo?
A solidão, talvez, de uma eternidade fútil, inútil?
Qual! O que me arrasa é o terror pânico
De não mais ser, nem estar, jamais aí.
Vocês todos vivendo, seus f.d.p. ... Só eu não.

Darcy Ribeiro

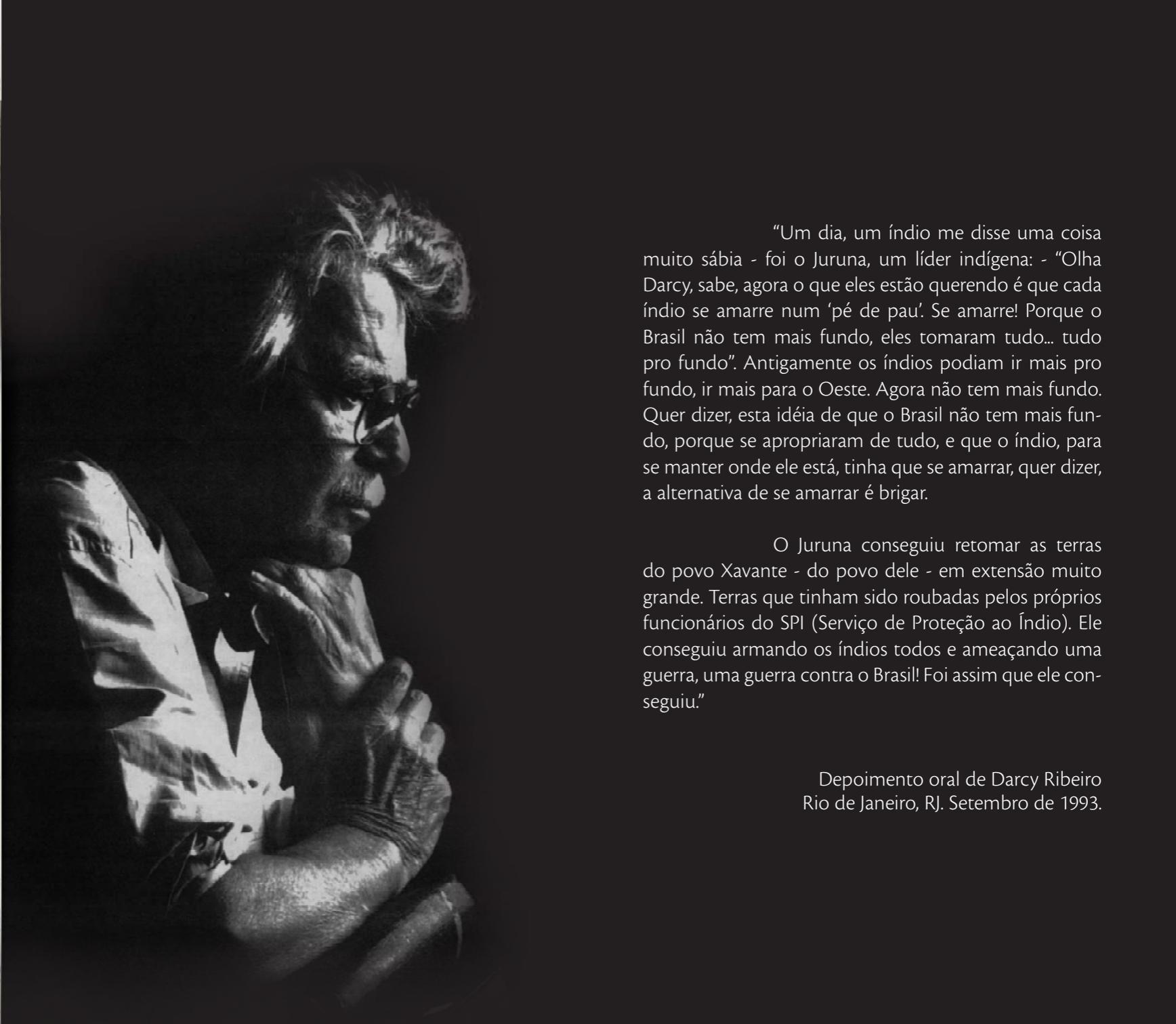




“Um dia, um índio me disse uma coisa muito sábia - foi o Juruna, um líder indígena: - “Olha Darcy, sabe, agora o que eles estão querendo é que cada índio se amarre num ‘pé de pau’. Se amarre! Porque o Brasil não tem mais fundo, eles tomaram tudo... tudo pro fundo”. Antigamente os índios podiam ir mais pro fundo, ir mais para o Oeste. Agora não tem mais fundo. Quer dizer, esta idéia de que o Brasil não tem mais fundo, porque se apropriaram de tudo, e que o índio, para se manter onde ele está, tinha que se amarrar, quer dizer, a alternativa de se amarrar é brigar.

O Juruna conseguiu retomar as terras do povo Xavante - do povo dele - em extensão muito grande. Terras que tinham sido roubadas pelos próprios funcionários do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Ele conseguiu armando os índios todos e ameaçando uma guerra, uma guerra contra o Brasil! Foi assim que ele conseguiu.”

Depoimento oral de Darcy Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. Setembro de 1993.





Gatão - Gostaríamos de saber do companheiro Lula, um companheiro forjado na luta, companheiro de muitos anos de batalha, como ele vê essa aliança entre índios, seringueiros e trabalhadores que lutam pela floresta, sua terra, sua região?

Lula - Primeiro, Álvaro e Gatão, eu acho que a questão da aliança para sobrevivência, da aliança para o estabelecimento de novas culturas, é uma necessidade.

Álvaro - É que o governo, este que está aí – do Itamar Franco – e os anteriores sempre alegaram que não têm dinheiro para garantir a demarcação das reservas extrativistas e das terras indígenas. No governo que o senhor pleiteia para esses povos, para esse país, você vai usar esse mesmo teclado ou vai agilizar o diálogo conosco e buscar uma solução?

Lula - Primeiro eu não acredito na idéia de que não se tenha dinheiro para fazer as demarcações tanto das reservas extrativistas quanto das terras indígenas. O problema é que não há vontade política, não tem prioridade do governo de fazer, ou seja, não é o mais interessante.

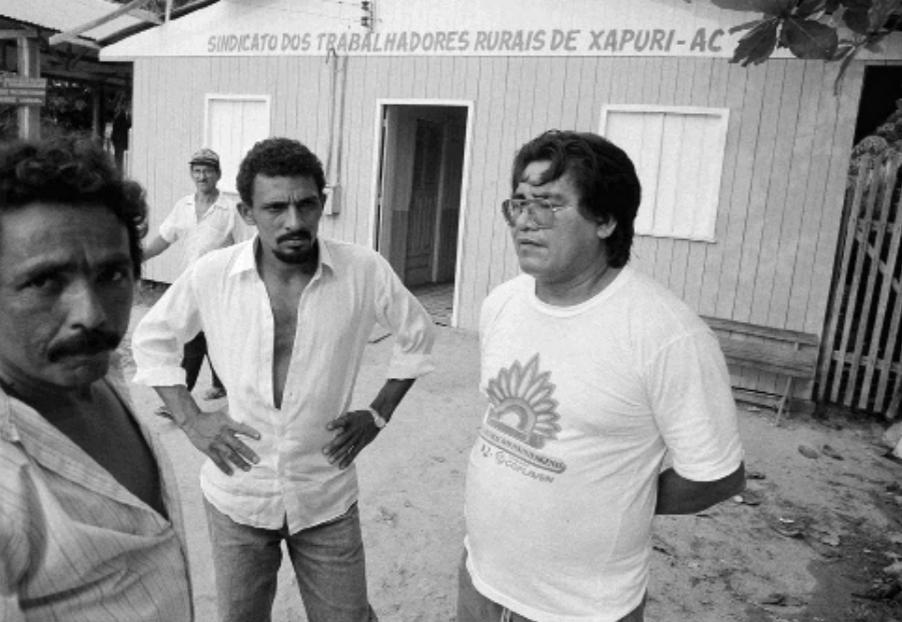
Lula - É importante dizer que não se quer apenas a demarcação. Não adianta demarcar e deixar como Roraima ficou. Os garimpeiros entraram e fizeram o que fizeram com os Yanomami. Não adianta fazer a reserva extrativista, fazer demarcação e não dar estrutura suficiente, condições para as pessoas produzirem. Então eu acho que é muito mais que fazer demarcação é criar as condições para que os índios e seringueiros sobrevivam dentro de suas terras, para poderem produzir, poderem vender o produto de seu trabalho e poderem viver livremente. É preciso fazer com que haja um bom sistema de educação, um bom sistema de saúde, para que as coisas não se resumam apenas à doação da terra. É preciso dar terras e dar condições objetivas de sobrevivência.

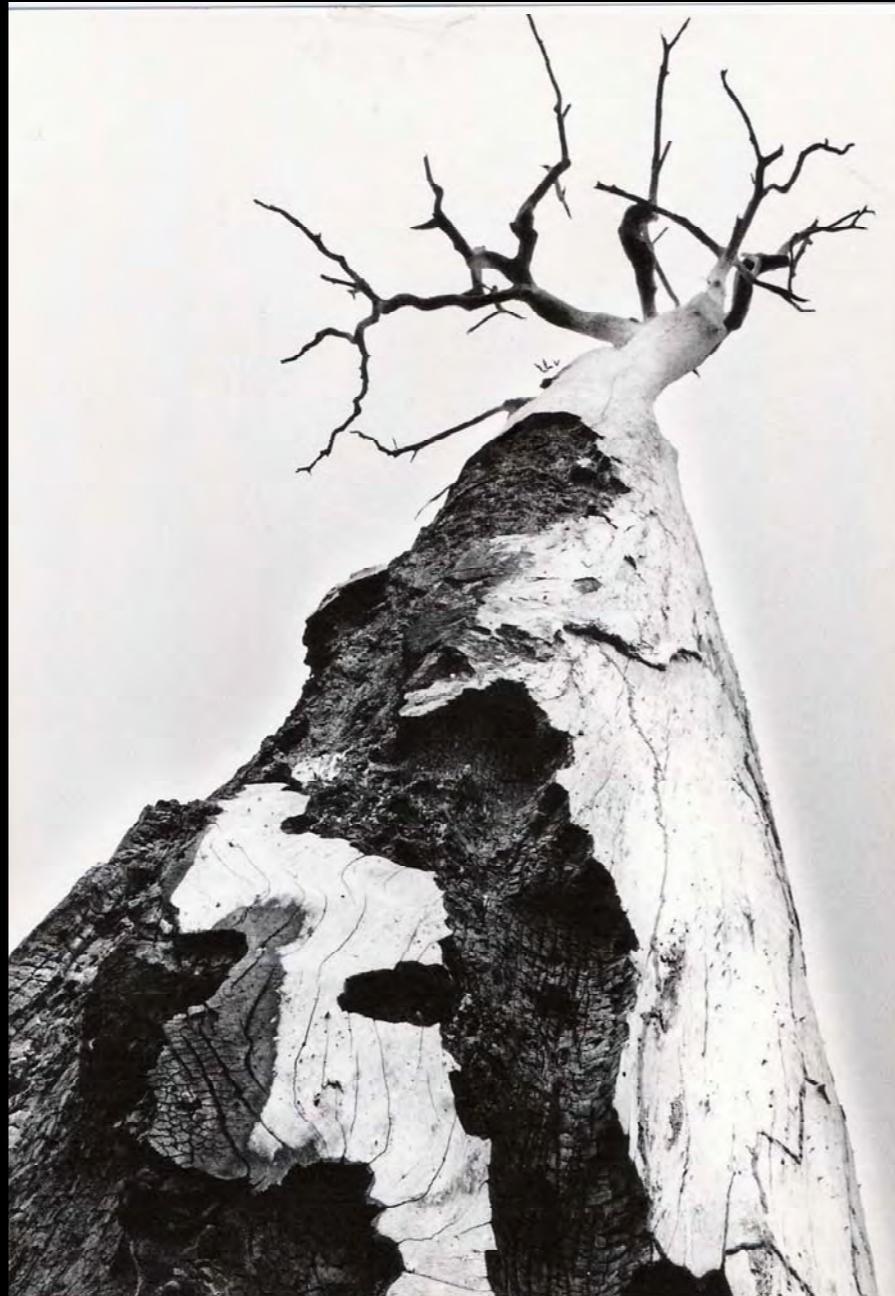
Gatão - Tem um aspecto que, tanto da parte dos índios quanto dos seringueiros, nós enfrentamos, que é a questão da violência rural, e nós enfrentamos isso e nossas lideranças são exterminadas... foi o Chico Mendes, foi o Arnaldo, foram os índios, as ameaças são em cima das principais lideranças. Nós enfrentamos isso quase como uma coisa sem cura. Então, cada vez que desponta uma liderança, tanto da parte dos índios quanto da parte dos seringueiros ou dos trabalhadores rurais, é uma certeza que vai ser exterminada. Nossa grande preocupação é que isso se fala três ou quatro meses depois da morte, no máximo uma missa, um ato público. Concretamente não temos ninguém na cadeia dessas pessoas que foram exterminadores das lideranças... Nós queremos saber, do ponto de vista do Lula, da liderança que está encaminhando a luta em defesa da cidadania, como pensa isso, o que podemos fazer em conjunto para acabar com isso, pois no futuro nós temos que fazer alguma coisa para mudar.

Lula - A primeira coisa que tem que ser feita é o seguinte: é preciso acabar com a impunidade. No dia em que nós acabarmos com a impunidade, nós acabaremos com 50% da violência estabelecida hoje, com os conflitos entre latifundiários e seringueiros, latifundiários e índios, latifundiários e posseiros.

Em segundo lugar, a falta de garantia do próprio Estado, da determinação. Ou seja, à medida que o Estado faz a demarcação de uma área, cabe a esse mesmo Estado dar a proteção para que aquela área não seja importunada. O Estado na verdade dá a área, mas não se preocupa, daí qualquer fazendeiro se mete a fazer justiça com as próprias mãos, desrespeitando os direitos elementares, que são os direitos civis contidos em nossa Constituição. Eu acho que muita serenidade por parte da polícia, muita serenidade por parte da justiça, seria a solução para a gente acabar com a violência contra índios, contra seringueiros, contra as lideranças do movimento sindical em geral no nosso país.

Entrevista realizada por Gatão, presidente do Conselho Nacional do Seringueiros, e Álvaro Tukano com o então candidato à presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Reserva Extrativista Chico Mendes. Outubro de 1993.





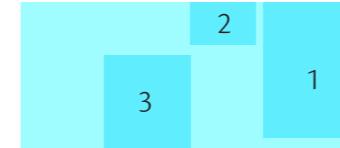
43 - 44

- 1 - Aldeia Krikati. Foto de Piotr Jaxa. Montes Alves, MA. 1993.
- 2 - Álvaro Tukano e Hilda Zimmermann. Foto João Sassi. Rincão Gaia, Rio Grande do Sul. 2005.



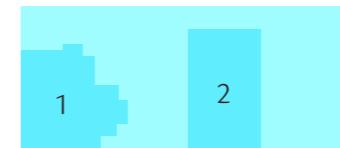
45 - 46

- 1 - José Lutzenberger. Foto de Piotr Jaxa. Rincão Gaia, RS. 1996.
- 2 - José Lutzenberger. Entrevista e conferência em Berlim, Alemanha. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1996.
- 3 - Álvaro Tukano, Frank Coe e José Lutzenberger. Foto de Paulo Metz. Porto Alegre, RS. 1993.
- 4 - Álvaro Tukano e Hilda Zimmermann. Foto de Paulo Metz. Porto Alegre, RS. 1993.



47 - 48

- 1 - Darcy Ribeiro em Copacabana. Acervo Fundação Darcy Ribeiro.
- 2 - Álvaro Tukano e Darcy Ribeiro. Foto de Paulo Metz. Rio de Janeiro, RJ. 1993
- 3 - Darcy Ribeiro. Acervo Fundação Darcy Ribeiro.



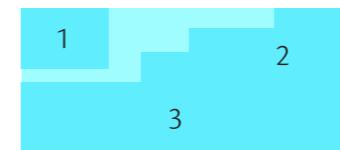
49 - 50

- 1 - Conjunto de fotos de Darcy Ribeiro. Acervo Fundação Darcy Ribeiro.
- 2 - Darcy Ribeiro. Acervo Fundação Darcy Ribeiro.



51 - 52

- 1 - Luiz Inácio Lula da Silva, Álvaro Tukano e "Gatão", Reserva Extrativista Chico Mendes, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.



53 - 54

- 1 - Álvaro Tukano e sindicalistas. Foto de Paulo Metz. Xapuri, AC. 1993
- 2 - Sr. Dionísio, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.
- 3 - Devastação do Acre. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Indígenas no Brasil. 1993.